

BÍOS DE TRADUTOR:**UMA NOVA TRADUÇÃO DO TEXTO DE LUCIANO DE SAMÓSATA, *BÍŌN PRÁSIS*, CONHECIDO EM PORTUGUÊS COMO *LEILÃO DOS FILÓSOFOS*, ORA VERTIDO POR *VENDINHA DE LIFESTYLES****Rafael Silva¹*

Resumo: Luciano de Samósata continua a ser um ilustre (des)conhecido autor da tradição clássica no Brasil, embora toda a sua obra supérstite atualmente já exista vertida para o português. Levando em conta esses dois dados, a presente tradução comentada e precedida de uma introdução, oferece uma versão para o Brasil contemporâneo do texto *Bíŏn prásis*, conhecido tradicionalmente como *Leilão dos filósofos*. Buscando conferir a vivacidade e a mordacidade do riso luciânico, adotamos uma série de estratégias de tradução a fim de suscitar numa recepção moderna o que pode ter sido a dimensão crítica da produção desse autor.

Palavras-chave: Luciano de Samósata; tradução; filosofia; literatura grega.

Abstract: Lucian of Samosata is an illustrious (un)known author of the classical tradition in Brazil, even if all his extant works are already available in Portuguese. Taking these two facts into account, the present translation offers a version for contemporary Brazil of the text *Bíŏn prásis*, traditionally known as *Sale of creeds*. Seeking to check the liveliness and the bitterness of Lucianic laughter, we adopted a series of translation strategies in order to produce in a modern reception what might have been the critical dimension of the production of this author.

Keywords: Lucian of Samosata; Translation; philosophy; Greek literature.

A relação entre a obra de Luciano e a filosofia causa perplexidade em seus leitores desde a própria Antiguidade, como se vê pelos juízos severos de um Lactâncio (*Instituições divinas* 1.9) e um Fócio (*Biblioteca* 128), perdurando até os dias de hoje. Não existe consenso sobre a forma como o escritor de Samósata teria se relacionado de fato com as diversas escolas filosóficas existentes em seu tempo e, embora inúmeras tentativas tenham sido feitas para se retratar o desenvolvimento de sua relação com a filosofia, nenhuma parece impor-se de maneira unânime. Nesse sentido, a atitude mais saudável deve ser a de alguma precaução no trato da leitura dos textos, sem se esforçar por enxergar neles o que não se propõem a dizer (BRANDÃO, 2001, p. 53). A severidade no juízo de grande parte dos comentadores acerca do

¹ Estudante de Língua e Literatura Clássicas (Grego Antigo), doutorando no POS-LIT da UFMG, com interesses que vão da Filosofia e da História (Antigas e Contemporâneas) à Teoria da Literatura, além de teoria e prática da Tradução e da Educação.

tratamento conferido por Luciano à filosofia se deve às expectativas desenvolvidas por eles próprios (enquanto leitores) e não a uma frustração causada pela inanidade de um texto que se propusesse a cumprir uma meta para a qual não estaria à altura: Luciano aborda a filosofia em suas obras, mas não como um filósofo ou um comentador que se esmerasse por delinear um sistema filosófico, e sim como um escritor que recorre a temas, questões e figuras da filosofia antiga ao bel prazer daquilo que escreve. É nesse sentido que acreditamos ser preciso nuançar, por exemplo, a avaliação severa de um importante estudioso moderno do *corpus lucianum* como é o caso de Bompaire (1958, p. 125-7).

Norteados por tal espírito de precaução, propomo-nos a compreender os textos luciânicos em que a filosofia é tratada a partir de duas formas bastante distintas: por um lado, aqueles em que a figura do filósofo aparece de forma genérica, contraposta a vários tipos sociais; por outro, aqueles em que os filósofos são tratados nas especificidades de sua formação e doutrina. Dentro dessa classificação geral proposta por Brandão (2001, p. 59), pretendemos enxergar o texto de que vamos nos ocupar, *Bíōn prásis*, dentro do segundo grupo. Em outras palavras, trata-se de um texto no qual Luciano vai dispor as mais variadas espécies de filósofos e de correntes filosóficas numa situação interativa, apresentando nuances que não constam em seu tratamento mais geral da figura do filósofo.²

Para entrarmos no texto propriamente dito, devemos tratar de certas questões incontornáveis no tocante à sua tradução.³ A começar pelo título, o tradutor deste diálogo de Luciano é desafiado com problemas que todo texto escrito numa língua com longa tradição literária e filosófica impõe, qual seja, as múltiplas possibilidades de compreensão dos termos, das alusões e dos jogos de sentido. Soma-se a essa dificuldade, frequente em textos escritos em grego antigo, ainda a que advém do fato de Luciano ser um escritor consciente de sua tradição e de dialogar (literalmente) com ela em diversos níveis: crítico, literário, filosófico etc.

Nesse sentido, para citarmos apenas um exemplo, a tradução do título, *Bíōn prásis*, revela a sua complexidade quando levamos em conta a gama de sentidos evocados pela palavra *bíos*. A tradução “ortodoxa” do título poderia ser: *Leilão de vidas* ou *Venda de vidas*. É preciso atentar, contudo, para o fato de que a palavra grega aqui traduzida por “vida” tem implicações mais morais do que propriamente biológicas (ao contrário do que uma análise etimológica apressada poderia nos levar a pensar). Ela é usada com frequência para se referir à existência

² Tal como acontece num dos *Diálogos dos Mortos* (o XX, na numeração canônica), em que o tipo do Filósofo é contraposto por Menipo e Caronte (o barqueiro do Hades) a vários outros, tais como o do Vaidoso, o do Militar, etc.

³ Para o texto grego, recorreremos à edição da *Loeb Classical Library*, da responsabilidade de Harmon (LUCIAN, 1960).

humana (ao contrário de *zōē*, que se refere à vida em sentido lato), possibilitando que o título desse diálogo luciânico fosse traduzido ainda por: *Venda de modos de vida*. A opção que fizemos orienta-se nesse sentido, embora inove (por razões cômicas que serão explicitadas abaixo) na escolha do vocábulo para expressar tais ideias.

A atenção dispensada a esse título revela-se importante ainda se considerarmos, tal como nos parece, que ele está atrelado todo o desenvolvimento do texto. Pretendemos ver nele – bem como no uso do vocábulo *bíos* ao longo do diálogo – uma pista dos intuitos de Luciano para escrever sua sátira, além de indicar a mais clara alusão ao modelo canônico do qual ele parte: Platão.⁴ Vamos nos valer aqui das palavras de um estudioso da obra platônica para demonstrar a pertinência de nossa observação:

Existem em grego várias palavras para exprimir o que nós chamamos “vida”: *aión* designa a vida como duração e tempo delimitado de viver; *zoé* significa antes o fenômeno natural da vida, o fato de estar vivo; *bíos* é a vida considerada unidade de vida individual, a que a morte põe termo, e também subsistência: é, por conseguinte, a vida como qualitativamente distinta daquela de outros seres humanos. É esse aspecto expresso na palavra *bíos* o que melhor se enquadra ao novo conceito da vida como criação de um *éthos* determinado, de uma firme conduta de vida do Homem. É sempre como um todo, e não só nos seus diferentes atos ou manifestações que a força do espírito de Platão para plasmar tipos vê o Homem. Com o conceito de *bíos*, Platão imprime ao pensamento filosófico o impulso cujos efeitos duradouros são sentidos na longa história desse conceito na Filosofia e no pensamento ético e religioso dos séculos seguintes [...]. (JAEGER, 2013, p. 976).

Luciano insere-se na “longa história desse conceito” e o faz de modo crítico. O que orienta sua atitude é o questionamento sobre os critérios para que se possa discernir a verdadeira filosofia daquilo que apenas deseja se parecer com ela a fim de gozar de suas prerrogativas. A crítica se volta ao abismo existente entre o discurso e a prática do filósofo (BRANDÃO, 2001, p. 59). Nesse sentido, pretendemos enxergar em Luciano, não apenas um escritor que se insere numa longa tradição literária, mas também um homem pensando criticamente as questões de seu tempo e posicionando-se com relação a elas. Se levarmos em conta o contexto em que suas obras foram escritas, qual seja, o da Segunda Sofística, não resta dúvida de que elas também

⁴ Somos da opinião de que qualquer estudo mais aprofundado desse diálogo de Luciano (*Bíōn prásis*) inevitavelmente deva tratar de duas passagens de uma mesma discussão que ocupa o livro X da *República* de Platão. Na primeira delas, *Rep.* 10.600a-b, certo caminho homérico de vida [*hodón tina parédosan bíou Homērikén*] é negativamente comparado ao modo pitagórico de vida [*Pythagóreion trópon tou bíou*]. Não nos parece mero acaso o fato de que o primeiro *bíos* a ser vendido no diálogo de Luciano seja justamente o pitagórico. Na segunda delas, *Rep.* 10.617d-e, alude-se ao processo por meio do qual os modelos de vida [*bíōn paradeigmata*], depois de alguém tê-los primeiramente disposto em ordem [*prōton mèn en táxei diastēsai*], são anunciados do alto de uma plataforma [*epí ti bēma hypsēlōn*] para que possíveis interessados os escolham. Tal descrição é retomada em termos idênticos (ou muito próximos) pela versão cômica e ridicularizante de Luciano.

apresentam duras críticas à forma como se praticava a filosofia durante esse período no Império Romano.

Diante de todos esses dados básicos, cabe ao tradutor fazer suas opções. Do ponto de vista formal, uma das possibilidades seria adotar um modelo de tradução mais ortodoxo, respeitando as construções sintáticas e os empregos semânticos clássicos da dicção “aticista” de Luciano – escritor refinado, consciente de uma herança que remontava a Homero e passava pelos prosadores e tragediógrafos dos séc. V e IV em Atenas. Por outro lado, poderia privilegiar o caráter satírico do texto, evidenciar os aspectos cômicos de sua construção e optar por um registro de linguagem relaxado que tornasse tais aspectos mais claros do que o modelo ortodoxo de tradução o permitiria. Esta dicotomia, que pode não parecer evidente à primeira vista, coloca problemas práticos ao tradutor, tais como: a escolha dos pronomes pessoais de 2ª. (tu e vós) ou de 3ª. (você e vocês) para o uso dos personagens nos diálogos; o respeito às regras gramaticais na língua falada (p. ex., o emprego ou não dos pronomes oblíquos átonos, não respeitados na língua brasileira); etc.⁵

Já do ponto de vista do conteúdo, as opções do tradutor parecem à primeira vista mais restritas. Luciano tratou de um problema que poderia ser chamado “atual” à sua época, qual seja, a perda de vínculo entre aquilo que afirmava o discurso filosófico e aquilo que se estabelecia como prática de vida pelo filósofo. É possível que nessa época já se encontrasse irremediavelmente abalado o modelo de atuação firmado para o exercício da filosofia na Antiguidade, segundo as linhas daquilo que sugere Hadot (1995) em seu famoso estudo sobre a questão. Para a modernidade, contudo, vida e filosofia tendem a estar totalmente desvinculadas e ninguém espera que um professor universitário de filosofia cínica more numa ânfora e tenha apenas um manto surrado para lhe fazer as vezes de vestimenta e de cobertor. Assim sendo, poderia parecer que o tradutor deveria se contentar com a “inaturalidade” do conteúdo crítico veiculado pelo texto que traduzirá, limitando-se a buscar a máxima “transparência” por meio de uma “fidelidade” lexical.

Acreditamos, contudo, que ao tradutor caiba a possibilidade de refletir – justamente por meio de sua atividade, qual seja, a tradução – acerca dos problemas e questões característicos de seu próprio tempo. Nesse sentido, não aceitamos a ideia de que haja uma tradução ideal (imutável e perfeita) de qualquer texto, mas defendemos, ao contrário, que esse exercício –

⁵ Um exemplo de tradução ortodoxa seria a que foi realizada por Custódio Magueijo (LUCIANO, 2013) das *Filosofias em leilão*. A dicção aí adotada é fiel ao “aticismo” de Luciano, na medida em que promove o que poderíamos chamar de um certo “lusitanismo” – pois se expressa numa dicção de notável fidelidade à linguagem dos cânones lusitanos –, embora não nos pareça ser tão feliz na recriação dos efeitos cômicos da obra. O mesmo se poderia dizer da tradução proposta, entre nós, por Murachco (LUCIANO, 2007) dos *Diálogos dos Mortos*.

sempre em devir – é inevitavelmente influenciado pelo contexto do qual parte e sobre o qual pretende agir. A atitude do tradutor, portanto, não deve ser a de uma constatação de sua impotência diante do texto original a ser traduzido “fora do contexto”, mas a de uma rica possibilidade de escrever uma tradução que potencialize suas chaves de leitura a partir de um novo contexto – contexto esse que, por sua vez, pode suscitar um novo original. O tempo da melancólica *Aufgabe* passou...⁶

Ainda assim, não somos insensatos o bastante para pretender que tudo possa ser traduzido por tudo. Acreditamos numa ética do tradutor. Por isso, julgamos importantes as notas, os comentários e todo o aparato extratextual a partir do qual pretendemos, por um lado, evidenciar os recursos que identificarmos no texto de Luciano e, por outro, explicar as estratégias adotadas pela tradução a fim de buscar reproduzi-los no novo contexto em que estamos escrevendo. Dessa maneira, o leitor terá a oportunidade de nos acompanhar, passo a passo, a fim de avaliar se fomos felizes ou não em cada uma das nossas opções de tradução.

Como ficará claro tão logo a leitura do texto comece, optamos por um registro de linguagem mais relaxado e próximo do coloquial. Dessa forma, pode ser que tenhamos traído a dicção “aticista” de Luciano, mas tentamos aproximar do leitor o caráter cômico desse diálogo, enquanto, ao mesmo tempo, oferecemos algum material escrito para quem se dedica a repensar a gramática do português brasileiro à luz de sua realidade linguística mais oralizada. Nesse mesmo sentido, a nossa opção pelo emprego de estrangeirismos atuais (americanismos, para sermos mais precisos), na tradução de termos-chave do diálogo, presta-se à função crítica do tradutor à qual aludimos acima. Já não vivemos num período em que faria sentido criticar o emprego de uma filosofia de fachada a fim de se almejar certas prerrogativas sociais. Porém a utilização atual de determinados discursos – sobretudo daqueles que se restringem às classes “afortunadas” – mais do que nunca se presta ao mesmo propósito, qual seja, o de assegurar privilégios sociais baseados numa aparência adquirida com base em certo verniz intelectual.

É por conta de tudo isso que traduzimos *Bíōn prásis* por *Vendinha de lifestyles...*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOMPAIRE, Jacques. *Lucien Écrivain: Imitation et création*. Paris: Bocard, 1958.

⁶ Aludimos aqui ao famoso ensaio de Walter Benjamin, “*Die Aufgabe des Übersetzers*” (vertido em português tradicionalmente por “A tarefa do tradutor”). Para uma análise dos sentidos da palavra alemã *Aufgabe* e suas implicações, cf.: GAGNEBIN, 2013, p. 101, n. 1.

- BRANDÃO, Jacyntho Lins. *A Poética do Hipocentauro*: Literatura, sociedade e discurso ficcional em Luciano de Samósata. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie (org.). *Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921)* (por Walter Benjamin); trad. de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves – São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2013 (2ª Edição), p. 101-119.
- HADOT, Pierre. *Qu'est-ce que la philosophie antique?* Paris: Éditions Gallimard, 1995.
- JAEGER, Werner. *Paideia*: A formação do homem grego. Tradução Artur M. Parreira [adaptação do texto para a edição brasileira Monica Stahel; revisão do texto grego Gilson César Cardoso de Souza]. 6ª. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- KAHN, Charles. *Pythagoras and Pythagoreans*: A brief history. Indianapolis/ Cambridge: Hackett Publishing Company, 2001.
- LUCIAN. *Lucian in Eight Volumes*: II. With an English translation by A. M. Harmon. London/ Cambridge: William Heineman/ Harvard University Press, 1960.
- LUCIANO. *Diálogos dos Mortos*: Versão bilíngüe grego/ português. Tradução, introdução e notas de Henrique G. Murachco. São Paulo: Palas Athena/ Editora da Universidade de São Paulo, 2007.
- LUCIANO. *Luciano*. IV. Tradução do grego, introdução e notas Custódio Magueijo. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.
- PLATO. *Platonis Opera*. Ed. John Burnet. Oxford: Oxford University Press, 1903

VENDINHA DE *LIFESTYLES*

Luciano de Samósata

[1] ZEUS: Ei, você aí! Distribua os bancos e prepare o lugar pra quem chegar! E você, coloque em ordem os *lifestyles* quando apresentar cada um, mas antes dê uma ajeitada neles! Pra que eles fiquem bem apresentáveis e atraiam muitos interessados. E você, Hermes, faça o anúncio e chame o pessoal.

HERMES: Hoje é seu dia de sorte! Seu dia de sorte! Clientes, venham conferir o nosso mostruário! A gente vai vender todos os tipos de *lifestyles* filosóficos, além de kits com vários *approaches*.⁷ E se alguém não tiver dinheiro pra pagar agora, dá pra fazer um crediário, apresentando avalista, e só começar a pagar no ano que vem!

ZEUS: Muitos ‘tão vindo! Não vamos perder tempo, nem fazer ninguém esperar! ‘Bora começar os negócios!

[2] HERMES: Qual você quer que a gente apresente primeiro?

ZEUS: Este cabeludo aqui, de estilo jônico, pois ele parece um tipo bem distinto.

HERMES: Ei, Pitagórico, desça daí pro pessoal dar uma olhada em você.

ZEUS: Anuncie o produto!

HERMES: Estou vendendo o melhor *lifestyle*, o mais distinto. Quem vai comprar? Quem quer ser um *Superman*?⁸ Ou conhecer a harmonia de tudo e voltar à vida de novo?⁹

COMPRADOR: Ele até que não parece de má qualidade, mas o que é que ele sabe de bom?

HERMES: Aritmética, astronomia, milagre, geometria, música e feitiçaria.¹⁰ Você ‘tá diante do mais *top* adivinho!

COMPRADOR: Eu posso fazer umas perguntas pra ele?

⁷ A palavra *proaíresis*, traduzida aqui pelo americanismo “*approach*”, apresenta dificuldades de tradução. Está, sem dúvida, ligada à *haíresis*, que pode ser entendida como a escolha por determinada doutrina ou escola filosófica. O prefixo *pro-*, contudo, gera a nuance de que se trata de uma atitude prévia à reflexão detida. Trata-se, portanto, de uma espécie de “propensão filosófica”. Isso, contudo, não exclui certo caráter exterior manifestado por uma *proaíresis*. Acreditamos que a palavra “*approach*”, adotada cada vez mais na linguagem corrente brasileira, remeta a todos esses sentidos e ainda se preste a fins cômicos.

⁸ Pitágoras teria sugerido possuir uma identidade apolínea (KAHN, 2001, p. 17-8).

⁹ Embora Heródoto (4.123) afirme que Pitágoras teria tomado a ideia da metempsicose aos egípcios, parece que esse povo jamais desenvolveu de fato uma teoria da reencarnação (KAHN, 2001, p. 21). A influência talvez venha da Índia, tornada possível a partir da ampla extensão do Império Persa sob o comando de Ciro (por volta de 530 a.C.), em honra do qual diversos povos (gregos e hindus, inclusive) se encontravam para o Festival de Ano Novo em Persépolis.

¹⁰ Platão é a principal fonte para a relação de Pitágoras com as ciências matemáticas – em especial a astronomia e a harmonia –, entendidas como ciências irmãs (por exemplo: *Rep.* VII, 503d). Baseado nisso, Kahn (2001, p. 13) afirma que o quadrívio medieval seria autenticamente pitagórico.

HERMES: É claro! E boa sorte!

[3] COMPRADOR: De onde você é?

PITAGÓRICO: Sou sâmio.¹¹

COMPRADOR: E onde você foi educado?

PITAGÓRICO: No Egito, junto aos que lá são sábios.¹²

COMPRADOR: Mas vem cá: se eu te comprar, o que você vai me ensinar?

PITAGÓRICO: Eu não te darei nenhum ensinamento meu, mas te farei rememorar.¹³

COMPRADOR: E como você vai me fazer rememorar?

PITAGÓRICO: Tendo primeiro cultivado a alma pura e removido sua imundície.

COMPRADOR: Suponha então que você já me purificou completamente: qual é o caminho da rememoração?

PITAGÓRICO: Em primeiro lugar, grande quietude e mudez – cinco anos completos sem dar um pio sequer.¹⁴

COMPRADOR: Ah, meu caro, você ‘tá bom é pra ensinar o filho de Cresos!¹⁵ Pois eu sou tagarela e não estou nem um pouco a fim de virar uma estátua. Mas ainda assim, o que vem depois do silêncio e desse seu “plano quinquenal”?

PITAGÓRICO: Hás de exercitar-te na musicalidade e na geometria.

COMPRADOR: Que engraçado! Eu preciso primeiro saber tocar a cítara pra só daí me tornar sábio...

[4] PITAGÓRICO: Em seguida, além disso, há de te exercitar também em contar.

COMPRADOR: Mas contar eu já sei.

PITAGÓRICO: Como contas tu?

COMPRADOR: Um, dois, três, quatro...

PITAGÓRICO: Vês? O que consideras quatro é dez, além de ser um triângulo perfeito e o nosso juramento.¹⁶

COMPRADOR: Eia, pelo amor do maior juramento – o quatro –, eu nunca ouvi palavras mais divinas ou sagradas.

¹¹ A terra natal de Pitágoras, na qual se fala o grego jônico, é a ilha de Samos. Por isso, o Pitagórico se exprime em tal dialeto (LUCIAN, 1960, p. 453). O registro de português lusitano empregado aqui para traduzir as falas do Pitagórico é uma tentativa de reprodução de tal artifício literário. Note-se também a dicção propositalmente canhestra do “conhecedor de mistérios”.

¹² Cf. Porfírio, *Vita Pythagorae* 11-2; Jâmblico, *Vita Pythagorae* 11-9.

¹³ Antes de entrar no ciclo de transmigrações, a alma é onisciente; aprender é apenas rememorar. Sócrates expõe tal teoria no diálogo *Mênon*, de Platão (LUCIAN, 1960, p. 455), entre outros.

¹⁴ Cf. D.L. 8.10; Jâmblico, *Vita Pythagorae* 72.

¹⁵ Um dos filhos de Cresos era mudo, cf. Hdt. 1, 34, 85 (LUCIAN, 1960, p. 455).

¹⁶ Quatro é dez porque contém três, dois e um – e $1 + 2 + 3 + 4 = 10$ (LUCIAN, 1960, p. 457).

PITAGÓRICO: E depois, estrangeiro, aprenderás sobre a terra, depois, sobre o ar, a água e o fogo, qual é o seu fluxo e, tendo tais formas, como se movimentam.¹⁷

COMPRADOR: Por acaso o fogo, o ar ou a água têm uma forma?

PITAGÓRICO: E muito visíveis: pois não é possível movimentar-se fora de forma, fazendo má figura.¹⁸ E depois disso, aprenderás que o deus é o número, o senso e a harmonia.

COMPRADOR: Quanta maravilha você conta.

[5] PITAGÓRICO: E, depois disso que eu disse, tu – parecendo ser um só – és em aparência um e, em essência, um outro.

COMPRADOR: O quê? Por acaso eu sou um outro e não este que agora ‘tá conversando com você?

PITAGÓRICO: *Agora* és esse. Porém, outrora te manifestavas noutra corpo e sob outro nome: e com o tempo hás de te metamorfosear de novo noutra.¹⁹

[6] COMPRADOR: Acaso o que você ‘tá dizendo é isto: que eu vou ser imortal, sempre mudando em muitas formas? Ah, isto já é o bastante! E qual é a sua dieta de vida?

PITAGÓRICO: Não me alimento de nenhum ser animado, mas de todo o resto – à exceção de favas.²⁰

COMPRADOR: Por causa de quê? Você não gosta de favas?

PITAGÓRICO: Não é isto, mas elas são sagradas e sua natureza é maravilhosa! Pois, em primeiro lugar, ela é o todo da progenitura e, se acaso descascas uma fava ainda verde, verás que sua forma é semelhante aos membros dos homens; e se, depois de fervidas, as expuseres sob a lua por certa quantidade de noites, hás de fazer sangue. Ademais, a lei dos atenienses estabelece que as magistraturas sejam obtidas com favas.²¹

COMPRADOR: Você falou tudo bonito e no jeito de coisa santa. Mas tire a roupa que quero te ver peladão.²² Por Hércules! A coxa dele é de ouro! Você mais parece um deus, não um mortal! Vou comprá-lo com certeza. Por quanto você ‘tá vendendo ele?

HERMES: Dez minas.

¹⁷ Kahn (2001, p. 17) avança a possibilidade de que Pitágoras pudesse ser contado também entre os responsáveis pelo chamado Iluminismo Grego (junto a Xenófanes, Hecateu e Heráclito), ou seja, durante a primeira geração herdeira do mundo intelectual criado pela nova cosmologia e visão de natureza dos pensadores de Mileto.

¹⁸ Os termos *amorphíēi* [sem forma] e *askhēmosýnēi* [sem arranjo] são normalmente usados para se referir a contextos em que a beleza ou a feiura estão em jogo. O deslizamento para um uso físico e cosmológico, tal como aqui, é inusitado e serve a propósitos cômicos.

¹⁹ Cf. para mais detalhes sobre a metempsicose pitagórica (desenvolvida por Platão): KAHN, 2001, p. 148-153.

²⁰ Aristóteles teria recolhido uma série de *akoúsmata* pitagóricos, dentre os quais estaria a interdição de se comer favas (D.L. 8.1.19).

²¹ Essas e outras razões para a abstenção de favas encontram-se citadas também por D.L. 8.1.33.

²² Alusão ao hábito comum na compra de escravos de se analisar o corpo do escravo à cata de possíveis imperfeições disfarçadas pelo vendedor do mesmo.

COMPRADOR: Por esta quantia ele é meu!

ZEUS: Escreva o nome do comprador e de onde ele vem.

HERMES: Zeus, ele me parece ser itálico, dos lados de Crotone, de Tarento ou dos gregos de lá. Mas é que não tem um só comprador – ao contrário, tem mais ou menos uns trezentos que fizeram uma vaquinha pra comprar.

ZEUS: Que eles levem embora o que compraram... E que a gente apresente um outro.

[7] HERMES: Você quer aquele mulambento, o do Mar Negro?²³

ZEUS: Com certeza.

HERMES: Ei, você aí, pendurado na sacola, de manto barato, com as manguinhas de fora, vem cá e dá uma voltinha na loja. – Estou vendendo um *lifestyle* macho, um *lifestyle* classudo, um *lifestyle* livre – quem vai comprar?

COMPRADOR: Ô do anúncio, quê que você disse? Você ‘tá vendendo alguém livre?

HERMES: E ‘tô mesmo!

COMPRADOR: E você não tem medo dele te processar por sequestro ou até te citar nalgum processo público no Areópago?

HERMES: Ele não ‘tá nem aí de ser vendido, pois acha que continua sendo livre de todo jeito.

COMPRADOR: Mas o que é que alguém poderia fazer com um pobre diabo encardido destes e em tais condições? A menos que se fizesse dele um escavador de poços ou um carregador de água.²⁴

HERMES: Não só isso, mas também se colocasse ele como porteiro: nessa função ele é até mais de confiança que os cachorros. Aliás, o nome dele é Cão.²⁵

COMPRADOR: De onde ele é e que treinamento ele coloca em prática?

HERMES: Pergunte a ele! Assim é melhor...

COMPRADOR: Estou com medo dessa fuça carrancuda... Se eu me aproximar, ele deve latir ou, pior ainda, *por Zeus!*, me morder. Você não ‘tá vendo o jeito que ele segura aquele porrete, com a cara fechada, encarando com ar agressivo e raivoso?

HERMES: Não tenha medo! Ele é adestrado.

[8] COMPRADOR: Pra começar, amigão, de onde você é?

CÍNICO: De todos os lugares.

COMPRADOR: Como assim?

CÍNICO: Você ‘tá vendo um cidadão do mundo.

²³ Diógenes, o Cínico, veio de Sínope (LUCIAN, 1960, p. 461).

²⁴ Alusão a profissões de baixo prestígio social na Atenas clássica e que teriam sido exercidas por certos cínicos.

²⁵ Pensando-se na etimologia do grego antigo, a palavra “cínico” pode ser traduzida por “canino”.

COMPRADOR: Mas quem é o seu ídolo?

CÍNICO: Héracles.

COMPRADOR: E por que você também não veste aquela pele de leão? Pois o porrete até que parece com o dele.

CÍNICO: Esse manto barato aqui é a minha pele de leão. E eu sou igual a ele, um soldado contra os prazeres – não um desses convocados à força, mas um voluntário que tem por *approach* um *lifestyle* mais *clean*.

COMPRADOR: Que beleza de *approach*! Mas o que a gente pode dizer que você sabe de bom? Ou será que você fez algum curso técnico?

CÍNICO: Eu sou um libertador dos homens e um terapeuta das desgraças. Resumindo: eu quero ser um profeta da verdade e da liberdade de expressão.

[9] COMPRADOR: Que beleza, ô profeta! Mas se eu te comprar, como você vai me treinar?

CÍNICO: Primeiro vou me ocupar de você tirando a sua moleza e, depois de te colocar na maior miséria, vou te vestir com um manto barato. Depois vou te submeter a muita dureza e trabalho: vai ter que dormir no chão, não beber nada além de água e se empanturrar com tudo o que aparecer na reta. Com relação à grana, caso você ainda tenha alguma, vou te convencer a levar ela até o mar e a jogar ela por lá. Você não vai se preocupar com essas coisas de casamento, de filho ou de pátria, e tudo isso vai ser besteira pra você. Além disso, fugindo da casa do seu pai, você vai morar num cemitério, num galpão abandonado ou até mesmo num barril. E sua bolsa vai estar cheia de sementes – tremoços – além de uma papelada toda rabiscada. E vivendo assim você vai dizer que é mais bem-aventurado que o rei da Pérsia! E se alguém te der uma surra ou te entortar no pau, você não vai achar que nada disso é doído.

COMPRADOR: Como é que você pode dizer que não vai doer se eu levar uma surra? E eu lá tenho casco de tartaruga ou caranguejo?!

CÍNICO: Você vai adorar um versinho de Eurípides, mudado só um pouquinho.

COMPRADOR: Qual?

[10] CÍNICO: “Tua mente padecerá, mas a língua estará impassível.”²⁶ Aquilo que se deve ter em mente é o seguinte: tem que ser impulsivo e ousado, avacalhar com todo mundo o tempo todo – tanto com os magnatas quanto com o zé-povinho –, pois assim eles vão te admirar e te julgar macho com força. Converse como um vândalo, em tom desafinado, no estilo de um cachorro louco. Tenha cara debochada e um porte que combine com a cara. Resumindo: seja

²⁶ *Hippol.* 612: *hē glōss' omōmōkh', hē dē phrēn anōmotos*. “A língua prometeu, mas a mente está descomprometida.”

um bicho selvagem em todas as coisas. Mas a timidez, o bom-senso e a moderação, jogue tudo isso fora! E se livre totalmente desse negócio de ficar com a cara vermelha de vergonha! Procure sempre lugares lotados e, chegando aí, queira ficar sozinho e fechadão, sem chegar perto de nenhum amigo, nem de nenhum estranho, pois isso sim é sabotar o poder! E, sem vergonha, faça na frente de todo mundo o que o povo não teria coragem de fazer nem entre quatro paredes! Escolha as putarias que forem mais bizarras e, por fim, se isso te parecer uma boa ideia, coma um polvo cru, ou uma sépia, e bata as botas! Essa é a felicidade que a gente te garante.

[11] COMPRADOR: Sai fora! O que você ‘tá chamando de felicidade é uma coisa horrível e desumana.

CÍNICO: Mas é fácil e tranquila pra todo mundo seguir, pois você não precisa de educação, de falatório, nem de outras bobagens. Ao contrário, esse caminho vai ser um atalho pra sua fama, pois mesmo sendo zé-povinho – vendedor de couro ou de peixe, marceneiro ou caixa de banco – nada vai te impedir de ser um espanto só, desde que a sem-vergonhice e o atrevimento te acompanhem e você aprenda a avacalhar direito.

COMPRADOR: Eu não preciso de você pra nenhuma dessas coisas. Mas talvez fosse o caso de te fazer barqueiro, jardineiro ou algo desse tipo, com a condição que o amigão aqui queira te vender por no máximo dois óbolos.

HERMES: Por esse tanto ele é seu! Pois é feliz da vida que a gente vai se livrar deste baderneiro barulhento que xinga todo mundo – sem exceção – e só sabe falar bobagem.

[12] ZEUS: Chame outro: o Cirenaico, aquele do manto real com uma coroa na cabeça.²⁷

HERMES: Alô, alô, que todos se aproximem! É coisa de bacana, só pra quem tem grana. Este *lifestyle* é puro prazer: um *lifestyle* três vezes mais feliz que os outros. Quem é que curte uma sensualidade? Quem é que vai comprar esta beleza?

COMPRADOR: Ei, você, vem cá e me conta o que você sabe – eu vou te comprar, se você for útil pra alguma coisa.

HERMES: Não encha o saco dele, meu caro, nem fique perguntando demais: ele ‘tá chapado. Nessas condições ele não pode nem te responder: como você mesmo ‘tá vendo, a língua dele ‘tá até enrolada.

COMPRADOR: E quem é que no juízo perfeito ia comprar um escravo tão estragado e mal criado? Ele fede a perfume e anda cambaleando... ‘Tá tonto pra burro. Mas e se você mesmo, Hermes, me dissesse as coisas que ele tem na cabeça e aquilo que por acaso almeja na vida.

²⁷ A escola Cirenaica, que fez do prazer o seu mais alto bem, foi fundada por Aristipo, que forneceu alguns detalhes para essa caracterização (LUCIAN, 1060, p. 471).

HERMES: Em geral, ele é bom de convivência, leva jeito pra mesa de boteco e é útil pra vagabundar com um mestre perdido e cheio de tesão, na companhia de alguma artista. Além disso, é um entendedor de comida *chic*, além de *chef* experiente. Resumindo: é um *PhD* da boa vida. Foi educado em Atenas, mas trabalhou principalmente na Sicília, a serviço dos tiranos, com quem fazia um sucesso danado! O ponto principal do seu *approach* é desprezar todas as coisas, usar e abusar de todas elas, buscando o prazer a todo custo.

COMPRADOR: É bom você caçar outro comprador no meio daqueles ricos e milionários ali, pois eu é que não dou conta de pagar um *lifestyle* tão festeiro.

HERMES: Parece que este aqui vai ficar encalhado no estoque, Zeus.

[13] ZEUS: Suma com ele! Apresente algum outro. Ou antes, aqueles dois ali: o de Abdera, que só fica rindo, e o de Éfeso, que só fica chorando. Eu quero vender os dois de uma vez só.²⁸

HERMES: Ei, vocês dois, desçam aqui pro meio do pessoal. – Estou vendendo os dois melhores *lifestyles*, pois a gente ‘tá anunciando os dois mais sábios de todos.

COMPRADOR: Oh, Zeus, que contraste! Um não para de rir e o outro parece que ‘tá de luto por alguém. Quer dizer, pelo menos ‘tá chorando o tempo todo. Ei você, o que foi? Por que é que ‘tá rindo?

DEMÓCRITO: Estás a perguntar? Pois a mim parecem ser risíveis todas as vossas cousas e, inclusive, vós mesmos.

COMPRADOR: O quê que você disse? Que ‘tá rindo da gente e que considera nossas coisas uma bobagem?

DEMÓCRITO: Deveras, pois não há nada de sério em nenhuma delas: tudo é vazio, uma carga de átomos, infindo.

[14] COMPRADOR: Não há nada mesmo, mas você também é vazio, verdadeiramente, e ínfimo.²⁹ Oh, que *overdose*! Você não vai parar de rir? – E você, por que ‘tá chorando, meu caro? Acho que vai ser muito melhor conversar com você.

HERÁCLITO: Ó estrangeiro, pois considero as cousas humanas lastimosas e lamentáveis, nenhuma delas não sendo nada mais que morredoura – e por tanto me compadeço de todas e as lamurio. E as presentes não julgo as mais grandes, pois as do tempo vindouro hão de ser totalmente nefastas. Estou a falar da conflagração pírica e da carregação do todo. A tais coisas

²⁸ Trata-se de Demócrito de Abdera, o promotor da teoria atômica, e de Heráclito de Éfeso, filósofo que deu origem à doutrina do devir; este último defendia que o fogo era o princípio das outras coisas e que suas manifestações mudavam continuamente, de modo que nada seria estável (LUCIAN, 1960, p. 473). Os dois falam o dialeto jônico do Grego e optamos por traduzir suas falas em português lusitano.

²⁹ Em grego antigo, as palavras de Demócrito são replicadas com um duplo sentido por seu interlocutor. Tentamos reproduzir o efeito em português.

lamurio e também porque nada é estável, posto que todas numa mistura se concentram: o que é um agrado também sendo desagradável, um conhecimento, desconhecedor, uma grandeza, miúda, acima e abaixo circunvagando e intercambiando-se no jogo da Eternidade.³⁰

COMPRADOR: E o que é esta Eternidade?

HERÁCLITO: Uma criança jogando, apostando, diferindo e conferindo.

COMPRADOR: O que são os homens?

HERÁCLITO: Deuses mortais.

COMPRADOR: E os deuses?

HERÁCLITO: Homens imortais.

COMPRADOR: Você ‘tá contando charadas ou botando armadilhas? Pois do mesmo jeito que Lóxias, você não indica nadinha de nada.³¹

HERÁCLITO: Nada de vós me preocupa.

COMPRADOR: Por isso ninguém em sã consciência vai te comprar.

HERÁCLITO: Eu exorto todos a chorarem desde a mais tenra idade – a todos os que comprarem e a todos os que não comprarem.

COMPRADOR: O mal deste aí não ‘tá longe da mais profunda depressão. Eu é que não vou comprar nenhum desses dois.

HERMES: Vixi... Estes aqui também vão ficar encalhados.

ZEUS: Anuncie outro.

[15] HERMES: Você quer aquele ateniense, o tagarela?³²

ZEUS: Com certeza.

HERMES: Ei você, venha aqui! – Estamos vendendo um *lifestyle* bom e inteligente. Quem vai comprar o mais divino de todos?

COMPRADOR: Diga-me: o que é que você sabe de melhor?

ACADÊMICO: Eu sou um amante-de-garotos e um sábio em matéria de amor.

COMPRADOR: Como é que eu vou te comprar então? Pois se é de um mentor-de-garotos³³ que eu preciso pro meu filho bonito...?

³⁰ Heráclito era conhecido na própria Antiguidade pelo cognome de “o Obscuro”. Reproduzimos a estranheza de sua dicção também em português.

³¹ Lóxias é um dos epítetos do deus Apolo, divindade dotada da capacidade de prever e prenunciar o futuro, embora seus oráculos fossem proverbialmente dúbios.

³² As características deste personagem dizem respeito tanto a Sócrates quanto a Platão, formando o típico Acadêmico. Alguns editores optam por nomear o personagem com o nome de um dos dois ilustres filósofos, mas o mais acertado parece ser manter a dubiedade do texto de Luciano (LUCIAN, 1960, p. 479).

³³ Nessa passagem há um jogo entre as palavras *paiderastês* (numa tradução etimológica: “pederasta” ou “amante de garotos”; ainda que possa significar apenas “amante”), mencionada pelo personagem do Acadêmico, e

ACADÊMICO: E quem seria mais útil do que eu para acompanhar uma beleza dessas? Pois eu não sou um amante dos corpos, mas sim um mentor da beleza da alma. Fique tranquilo, pois ainda que eles durmam sob o mesmo cobertor que eu, você vai escutar eles dizendo que não sofreram nada de ruim da minha parte.³⁴

COMPRADOR: Você soa pouco convincente: como é que sendo um amante de garotos vai se ocupar apenas da alma? E isto ainda por cima tendo a possibilidade de dormir sob o mesmo cobertor que ele?

[16] ACADÊMICO: Eu te juro pelo cão e pelo plátano que as coisas vão ser assim.

COMPRADOR: Por Héracles! Que absurdo de deuses!

ACADÊMICO: O quê que você falou? Não te parece que o cão seja um deus? Pois você nunca viu Anúbis no Egito, quão grande ele é? E, no céu, Sírío e, junto aos lá debaixo, Cérbero?

[17] COMPRADOR: Você ‘tá certo, eu vacilei... Mas qual é o caminho de *lifestyles* assim?

SÓCRATES: Eu moro numa cidade que eu mesmo fabriquei: faço uso de uma constituição estrangeira e legislo minhas próprias leis.³⁵

COMPRADOR: Eu quero escutar um dos seus mandamentos.

SÓCRATES: Escute então o principal, aquilo que me parece acerca das mulheres: nenhuma delas deve ser de um homem só, mas, ao contrário, pode estar com todo aquele que quiser.

COMPRADOR: Você por acaso ‘tá dizendo que aboliu as leis sobre adultério?³⁶

SÓCRATES: Sim, por Zeus! E simplesmente todos os pormenores que tenham a ver com isso.

COMPRADOR: E o que você acha sobre garotos na flor da idade?

SÓCRATES: Esses vão ser um prêmio amado por quem for o melhor a realizar algo brilhante e inovador.

[18] COMPRADOR: Oba, quanta generosidade! E qual é o ponto principal da sua filosofia?

SÓCRATES: As ideias e as formas dos entes: pois todas as coisas que você ‘tá vendo – a terra, o que se encontra sobre a terra, o céu, o mar – de todas elas existem imagens invisíveis fora do todo.

COMPRADOR: Existem onde?

SÓCRATES: Em lugar nenhum, pois se estivessem em algum lugar não seriam.³⁷

COMPRADOR: Não vejo isso que você ‘tá chamando de formas.

paidagōgós (“pedagogo” ou “tutor”). Aqui cabe lembrar que Luciano costuma zombar do interesse de Sócrates por jovens bonitos.

³⁴ A referência aqui parece ser ao *Banquete*, de Platão, e em especial à passagem 216d – 219d.

³⁵ Alusão à *República* e às *Leis* de Platão.

³⁶ Provável alusão à rígida lei sobre o adultério no Império Romano e que remontava aos tempos de Augusto.

³⁷ Como o espaço não pode ser predicado de nada fora do universo, não pode ser predicado das Ideias Platônicas. Fazer isto seria torná-las fenômenos, ao invés de realidades, pois nada no universo é real (LUCIAN, 1960, p. 483).

SÓCRATES: É claro! Pois você é cego do olho da alma! Eu, por outro lado, vejo as imagens de todas as coisas – além de um “você” invisível e um outro “eu”. Resumindo, todas as coisas duplas.

COMPRADOR: Portanto você é um bom negócio, sendo alguém sábio e de olhar afiado. Vem cá, quero saber que preço você pode fazer pra mim comprar ele...

HERMES: Me arruma dois talentos.

COMPRADOR: Por esta quantia, negócio fechado! Mas só posso mandar a grana no futuro...

[19] HERMES: Qual o seu nome?

COMPRADOR: Dion de Siracusa.³⁸

HERMES: Fique com ele e boa sorte! Ei, Epicurista, eu já vou chamar você. Quem vai comprar este aqui? Ele é discípulo tanto daquele gozador quanto daquele bêbado, que há pouco tempo a gente ‘tava anunciando. Mas ele sabe muito mais que eles, pois acontece que ele é bem mais desabusado. Além disto, ele é agradável e uma boa companhia de comilança.

COMPRADOR: Qual o valor?

HERMES: Duas minas.

COMPRADOR: Toma! Mas, a propósito, eu quero saber: qual é o prato preferido dele?

HERMES: Ele come doce e pão de mel, mas principalmente figo seco.

COMPRADOR: ‘Tá tranquilo, sem problema! A gente vai comprar pra ele muito bolo de fruta cristalizada com o pessoal da Cária.³⁹

[20] ZEUS: Chame um outro, aquele careca ali, o de cara fechada do Pórtico.

HERMES: Falou e disse! Pois parece que uma multidão de advogados ‘tava esperando por ele.⁴⁰ ‘Tô vendendo a virtude em pessoa, o mais perfeito dos *lifestyles*. Quem quer ser o único a saber de tudo?

COMPRADOR: Como é que é isso que você ‘tá falando?

HERMES: É que este aqui é o único sábio, o único belo, o único justo, corajoso, rei, orador, rico, legislador e todas as outras coisas que existem!

COMPRADOR: Então ele também é o único cozinheiro e, por Zeus!, o único costureiro e carpinteiro e assim por diante?

HERMES: Parece que sim.

³⁸ Dion era um dos discípulos de Platão, por quem teria sido convencido a ir à Sicília a fim de tentar apresentar seu projeto político ao irmão, o tirano Dionísio I, e, no futuro, ao sobrinho, Dionísio II. Para maiores detalhes, cf. *Carta VII*, possivelmente escrita por Platão.

³⁹ Região da Ásia Menor, famosa pelo rico exotismo de sua cultura e culinária.

⁴⁰ A menção parece ser à popularidade de que a filosofia estoica desfrutava junto aos governantes, advogados e homens de negócio em geral no séc. II do Império Romano (LUCIAN, 1960, p. 487).

[21] COMPRADOR: Chega mais, ô gente boa, e conta aqui pro seu comprador qual o seu tipo e, antes de tudo, me conta se não é uma barra pesada pra você ser vendido assim e ser escravo.

ESTOICO: De forma alguma, pois estas coisas não estão sob nosso controle e todas as coisas que não estão sob nosso controle devem se revelar indiferentes pra nós.

COMPRADOR: Não entendo o que você ‘tá dizendo.

ESTOICO: Como assim? Você não sabe que dentre tais coisas umas são estimuladas e outras, ao contrário, desestimuladas?⁴¹

COMPRADOR: Agora já não ‘tô entendendo é nada.

ESTOICO: É claro que não, pois você não ‘tá habituado ao nosso vocabulário, nem tem a faculdade da apreensão direta. Por outro lado, o homem bom, aquele que estuda a teoria lógica, não apenas sabe essas coisas, mas também sabe quais são os predicamentos e os para-predicamentos, além de como diferenciar uns dos outros.⁴²

COMPRADOR: Em nome da sabedoria, não seja invejoso a ponto de se negar a me contar isto: o que é o tal predicamento e o para-predicamento? Pois eu não sei como, mas fui abalado pelo ritmo destas palavras.

ESTOICO: Aqui, nada de inveja! Pois se um aleijado vem a se chocar com o próprio pé aleijado contra uma pedra e recebe este machucado imprevisível, ele já tinha um predicamento em relação ao seu aleijão, mas adquire ainda um para-predicamento em relação ao machucado.⁴³

[22] COMPRADOR: Nossa, que perspicácia! E o que mais você conta do que sabe de melhor?

ESTOICO: Os giros das palavras com que prendo, bloqueio e faço meus interlocutores se calarem, colocando neles a mordada da própria incompetência. O nome desse poder é o famoso silogismo.

COMPRADOR: Héracles! Você ‘tá falando de algo invencível e violento!

ESTOICO: Veja por você mesmo... Você tem filho?

COMPRADOR: E daí?

ESTOICO: Se alguma vez um crocodilo encontrasse o seu filho dando bobeira perto do rio, raptasse ele e jurasse que só ia devolver se você dissesse a verdade sobre qual era a intenção

⁴¹ Assim como as coisas “sob controle” eram divididas entre as boas e as más, também as coisas que “não estão sob controle” dividiam-se em “estimuladas” e “desestimuladas”, segundo a sua serventia na aquisição da virtude para os estoicos (LUCIAN, 1960, p. 488).

⁴² Os estoicos distinguiam quatro formas de predicação conforme o caso do sujeito (lógico) e da completude lógica do predicado: o predicado direto e completo, ou *syμβama* (predicamento), i.e. “*Sōkrátēs badízei*”; o predicado indireto e completo, ou *parasýmbama* (para-predicamento), i.e. “*Sōkrátei metamélei*”; o predicado direto, incompleto, i.e. “*Sōkrátēs philei*”; o predicado indireto, incompleto, i.e. “*Sōkrátei mélei*”.

⁴³ Exposição da diferença entre *syμβama* (predicamento) e *parasýmbama* (para-predicamento), tal como explicitado na nota anterior.

dele quando ele tinha prometido devolver o moleque, o que você ia dizer sobre aquilo que ele tinha pensado?⁴⁴

COMPRADOR: O que você ‘tá perguntando é quase irrespondível! O que é que eu vou ter que dizer pra receber o meu filho de volta? Isto me parece um beco sem saída. Mas, *por Zeus!*, você tem que salvar o meu filho respondendo antes que o bicho avance e devore ele!

ESTOICO: Coragem! Pois eu ainda eu vou te ensinar coisas mais maravilhosas!

COMPRADOR: Que coisas?

ESTOICO: O Colhedor, o Reinante, e – a maior de todas – a Electra e o Velado.⁴⁵

COMPRADOR: O que é que você ‘tá chamando de alguém velado e Electra?

ESTOICO: Electra é aquela mesma, a de Agamêmnon, a que sabia a mesma coisa que não sabia: pois quando Orestes estava perto dela, parecendo ainda um desconhecido, ela conhecia Orestes, porque era o irmão dela, mas desconhecia *aquela* Orestes.⁴⁶ Com relação ao Velado, você há de ouvir de novo um argumento maravilhoso. Mas me responda: você conhece o seu próprio pai?

COMPRADOR: Sim.

ESTOICO: E então? Se eu colocasse na sua frente alguém velado e te perguntasse se você conhece ele, o que você diria?

COMPRADOR: Com certeza não saber de nada.

[23] ESTOICO: Mas e se este aí fosse o seu próprio pai? Assim, como você não conhecia ele, é claro que não conhecia o seu próprio pai.

COMPRADOR: Nada disso!, mas eu ia tirar o véu dele e saber a verdade. De toda forma, qual é o fim da sua sabedoria, ou antes, o que é que você vai fazer quando já tiver alcançado o topo da virtude?

ESTOICO: Eu vou me voltar pras coisas primeiras da natureza, quero dizer: riqueza, saúde e por aí vai. Mas antes é preciso treinar bastante, pra afiar o olhar com livros de letra miúda, coletar citações inteligentes e ficar recheado de solecismos e palavras estranhas. Mas o que há

⁴⁴ Luciano, de modo intencional, compromete o sofisma ao usar as palavras *dédoktai* [tem como intenção] e *egnōkénai* [ter pensado]. É perfeitamente possível para o pai adivinhar o que o crocodilo “tinha pensado” em fazer e recuperar a criança, pois uma intenção não precisa ser executada. O crocodilo deveria ter perguntado “Eu vou devolver a criança?”. Então, se o pai respondesse “Sim”, ele diria “Você está errado”, e a comeria; caso o pai dissesse “não”, ele replicaria “Você está certo; por isto eu não vou devolvê-la.” (LUCIAN, 1960, pp. 492-3).

⁴⁵ Nenhuma dessas figuras é conhecida de modo distinto. O Ceifador era baseado num emprego falacioso da negativa e provava que um homem que iria ceifar um campo não poderia ceifá-lo. O Reinante consistia em quatro proposições, das quais se poderia tomar três quaisquer e provar a falácia da quarta.

⁴⁶ Aqui Luciano expõe a falácia mais uma vez de maneira comicamente imprecisa. Esta deveria ser: “Electra ao mesmo tempo sabia e não sabia que Orestes era seu irmão, pois ela não sabia que este homem era seu irmão, mas este homem era Orestes.” (LUCIAN, 1960. p. 494).

de principal na coisa toda é que, a menos que você beba direto três *shots* de heléboro, não vai virar um sábio de verdade.⁴⁷

COMPRADOR: Estes planos são nobres e terrivelmente corajosos. Mas para ser um *gnipho* e um capitalista – pois estou vendo que isso também faz parte do seu estilo –, o que a gente podia dizer do homem que já tomou o seu heléboro e alcançou a virtude?

ESTOICO: Sim... No mínimo – e isto com certeza é coisa de alguém sábio –, investir a grana. Pois a especialidade do sábio é inferir, e, como tanto investir quanto conferir parecem ser a prole do ato de inferir, um e outro são típicos desse homem de valor. Mas não apenas investimentos a juros simples, como os outros, mas sim receber os juros dos juros. Afinal, você não sabe que, dentre os tipos de juros, os primeiros são simples e os segundos, compostos, como se fossem sua prole e compusessem uma família?⁴⁸ E você com certeza enxerga bem as coisas com relação a este silogismo: “Se ele receber os juros simples, vai receber também os juros compostos, mas ele *vai* receber os simples, então também receberá os compostos.”

[24] COMPRADOR: Então a gente também vai ter que falar a mesma coisa das taxas que você recebe por sua sabedoria dos mais novos e é óbvio que só o homem de valor receberá por sua virtude.

ESTOICO: Você ‘tá aprendendo... Não é por mim mesmo que eu recebo, mas pra fazer uma graça pro próprio aluno. É que, por um lado, existe o mão aberta e, por outro, o mão-de-vaca: eu estou treinando para ser mão-de-vaca, enquanto o aluno para ser mão aberta.

COMPRADOR: Tinha precisão era do contrário: do mais novo ser o mão-de-vaca e você, que é o único rico, mão aberta.

ESTOICO: Ah, você ‘tá de brincadeira, rapaz! Mas fica esperto se não eu te acerto com um silogismo indemonstrável.

COMPRADOR: E o que é que tem de terrível nesse tiro?

[25] ESTOICO: É um beco sem saída, um silêncio e uma contorção da mente. Mas o mais *top* é que, se eu quiser, posso te reduzir a uma pedra.

COMPRADOR: Como, em pedra? Afinal, você não me parece nenhum Perseu, meu caro...

ESTOICO: Deste jeito aqui: a pedra é uma matéria?

COMPRADOR: Sim.

ESTOICO: E então? Um animal não é uma matéria?

⁴⁷ O heléboro era usado no tratamento para loucura e, segundo certos rumores, Crisipo (filósofo estoico) teria feito o tratamento três vezes, como se sugere também em *Das Narrativas Verdadeiras*, 2, 18 (LUCIAN, 1960, p. 497).

⁴⁸ Luciano faz um jogo linguístico a partir da palavra *tókos*, que pode significar “lucro” e “juros”, mas também “filho”, “prole”.

COMPRADOR: Sim.

ESTOICO: E você, um animal?

COMPRADOR: Parece que sim.

ESTOICO: Então, você sendo uma matéria é também uma pedra.

COMPRADOR: Não pode ser! Por Zeus, faz uma análise comigo e me torna homem de volta.

ESTOICO: Isto não é complicado: e que você seja homem de novo! Mas me diz aí: toda matéria é um animal?

COMPRADOR: Não.

ESTOICO: E então? A pedra é um animal?

COMPRADOR: Não.

ESTOICO: Você é matéria?

COMPRADOR: Sim.

ESTOICO: Então, você sendo um animal não é uma pedra.

COMPRADOR: Bom trabalho! As minhas pernas já ‘tavam ficando pesadas e sem circulação como as de Níobe.⁴⁹ Mas eu vou te comprar. Quanto é que eu tenho que pagar por ele?

HERMES: Doze minas.

COMPRADOR: Toma!

HERMES: É só você que ‘tá comprando ele?

COMPRADOR: Não, *por Zeus!*, mas todos estes aqui que você ‘tá vendo.

HERMES: Quanta gente! Todos bem providos de ombro e dignos do Ceifador...

[26] ZEUS: Não perca tempo! Chama aquele outro, o Peripatético.

HERMES: Ei, você aí, eu ‘tô te chamando! Você, o bonitão, o bacana. – Chega mais, clientela, compre o mais *top* dos sabidos, aquele que conhece absolutamente tudo.

COMPRADOR: Como é que ele é?

HERMES: Moderado, respeitável, ajustado à vida, mas – principalmente – duplo!

COMPRADOR: Como assim?

HERMES: Ele aparece como um em seu exterior, mas parece ser outro por dentro: tanto que, se você comprar ele, lembre-se de chamar ou o exotérico, com “x”, ou o esotérico, com “s”.⁵⁰

⁴⁹ Níobe, filha de Tântalo, tinha catorze filhos e teria se vangloriado diante da deusa Leto, cuja prole se restringia a dois filhos, Apolo e Ártemis. Como castigo, os dois filhos de Leto assassinaram todos (ou quase todos, em certas versões do mito) os filhos de Níobe. Ela, devastada pelo luto, foi convertida numa pedra da qual escorreria um fluxo perpétuo de água. Algumas fontes para a história são: *Ilíada*, 24.603–610; *Metamorfoses* VI.145–310; e *Biblioteca*, de Pseudo-Apolodoro, III.5.6.

⁵⁰ As obras de Aristóteles foram divididas, ao que tudo indica, já pelo próprio filósofo, entre aquelas voltadas para o público externo (exotéricas) e aquelas destinadas a seus alunos, ou seja, a uma apresentação interna ao Liceu (esotéricas).

COMPRADOR: Mas o que é que ele sabe de melhor?

HERMES: Que os bens são de três tipos: da alma, do corpo, do exterior.⁵¹

COMPRADOR: Ele até que tem bom-senso. Mas quanto é que ele custa?

HERMES: Vinte minas.

COMPRADOR: ‘Tá caro...

HERMES: Não, meu amigo: pois ele mesmo parece ter alguma grana e você não deve passar o carro na frente dos bois achando que pode comprar ele assim. Além do quê, ele vai te falar de bate-pronto quanto tempo vive um mosquito, até qual profundidade o mar chega a ser iluminado pelo sol e como é a alma das ostras.

COMPRADOR: Por Héracles, quanta precisão!

HERMES: E se você escutasse outras coisas muito perspicazes – mas de ainda maior precisão – como sobre o esperma, a procriação e o formato dos embriões dentro das mães, e como o homem é um ser que ri, enquanto o asno não ri, nem constrói coisa nenhuma, nem navega?

COMPRADOR: Você ‘tá falando de ensinamentos muito significativos e vantajosos... Eu vou comprar ele pelas vinte minas.

[27] HERMES: Que assim seja!

ZEUS: Quem sobrou pra nós?

HERMES: Sobrou este Cético aqui. Ruivão,⁵² vem cá pra gente te botar à venda o mais rápido possível. O pessoal já ‘tá indo embora e a venda vai ser feita pra pouca gente. De toda forma, quem quer comprar este aqui?

COMPRADOR: Eu... Mas primeiro me diga, o que é que você ensina?

CÉTICO: Nada.

COMPRADOR: O que é que você quer dizer com isso?

CÉTICO: Que nada de todo me parece existir.

COMPRADOR: Então nem nós somos alguma coisa?

CÉTICO: Nem disso eu sei.

COMPRADOR: Nem mesmo que você por acaso é algo?

CÉTICO: Eu ignoro sobretudo uma coisa dessas.

COMPRADOR: Oh, que beco sem saída! Mas pra que servem esses pesos e medidas com você?

CÉTICO: Com isso eu peso os discursos e restauro o equilíbrio entre eles. Quando eu vejo que eles são exatamente iguais e de mesmo peso, então, com efeito, eu ignoro o mais verdadeiro.

⁵¹ Aristóteles, *Eth. Nicom.* A, 8, 1098b (LUCIAN, 1960, p. 505).

⁵² Pyrrhías era o nome usado para se referir a uma serpente vermelha e, além disso, costumava ser empregado para se referir a pessoas escravizadas que tivessem cabelos ruivos (normalmente provenientes da Trácia).

COMPRADOR: E que outra coisa você leva jeito pra fazer?

CÉTICO: Tudo exceto perseguir um escravo fujão.

COMPRADOR: E por que você não pode fazer isto?

CÉTICO: Ah, meu caro, é que nada posso apreender.

COMPRADOR: Com certeza... Você parece mesmo ser pesadão e meio lerdo. Mas qual é o fim do seu ensinamento?

CÉTICO: Ignorância e nada ouvir nem ver.

COMPRADOR: Então você ‘tá dizendo que é tanto cego quanto surdo?

CÉTICO: E acrítico, além de insensível e, pra resumir, em nada diferente de um verme.

COMPRADOR: Você vai ser comprado por isto mesmo. Quanto é que ele vale?

HERMES: Uma mina ática.

COMPRADOR: Toma. E agora, hein? Eu te comprei?

CÉTICO: É duvidoso...

COMPRADOR: Impossível! Pois eu te comprei e ainda paguei em dinheiro.

CÉTICO: Estou suspendendo o meu juízo com relação a isso e analisando.

COMPRADOR: ‘Tá certo, mas agora me siga. Todo servo meu tem que fazer assim...

CÉTICO: Quem sabe se é verdade o que você ‘tá falando?

COMPRADOR: O vendedor, o dinheiro e todos os aqui presentes.

CÉTICO: Quem é que ‘tá presente aqui com a gente?

COMPRADOR: Ah... Mas te jogando pra trabalhar no moinho eu vou te convencer pelo pior discurso que eu sou o mestre.

CÉTICO: Suspenda o seu juízo sobre isto.

COMPRADOR: Por Zeus! Eu já te mostrei toda a evidência!

HERMES: Ei, Cético, para de escapulir e segue o seu comprador! E quanto aos demais, nós convidamos vocês para amanhã: a gente vai anunciar uns *lifestyles* de profissionais liberais, trabalhadores braçais e advogados.